

13. O povoado do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria e a problemática da contextualização da cerâmica impresa no centro litoral de Portugal.

António Carlos Valera¹, Helena Reis², Tiago Do Pereiro³ & Rui Ramos⁴

¹ Era Arqueologia y ICArEHB - Universidade do Algarve. antoniovalera@era-arqueologia.pt

² ICArEHB - Universidade do Algarve

³ Era Arqueologia

⁴ Era Arqueologia

13.1 Introdução

O sítio da Senhora da Alegria foi identificado e intervencionado pela empresa Omniknos (com assessoramento técnico-científico da Era Arqueologia SA) no contexto da aplicação de medidas de minimização de impacte relativas ao empreendimento da construção da auto estrada do Pínhal Interior. Neste âmbito, foram intervencionados 4796 m² de contextos arqueológicos preservados que percorrem uma longa diacronia, desde o Neolítico Antigo, passando pelo final do Neolítico Médio e Neolítico Final com várias estruturas de tipo fosso, Bronze Final, período romano e, por fim, estruturas negativas e positivas de época medieval, moderna e contemporânea.

Neste texto aborda-se a sua primeira ocupação correspondente ao Neolítico Antigo, procurando enquadrá-la no processo inicial de neolitização da bacia flandriana do Baixo Mondego, no centro litoral de Portugal.

13.2 Localização

Administrativamente, o sítio de Senhora da Alegria localiza-se perto do templo religioso com o mesmo nome, pertencente à freguesia de Almalaguês, concelho e distrito de Coimbra, na plataforma litoral do centro litoral de Portugal (figura 1).

O sítio está implantado numa plataforma aplanada no topo de uma elevação com inclinação geral de N-S, possuindo cotas altimétricas a variarem entre 204/192 m. A base estéril de assentamento das estruturas antrópicas neolíticas é diferente de E para O e de N para S. A metade Este é constituída pelo substrato arenítico coberto por depósitos areno-argilosos. Já na parte O verifica-se uma base rochosa constituída por siltitos e argilitos, coberta por sedimentos silto-argilosos. Estão igualmente presentes paleocanais, de cronologia indeterminada, sobre cujo preenchimento se deram as ocupações humanas iniciais.

De facto, a ocupação do Neolítico Antigo desenvolve-se ao longo e sobre o preenchimento de uma depressão de origem natural com orientação NW-E-SE e perfil em U aberto com paredes irregulares. A formação desta depressão estará provavelmente relacionada com diáclases erosionadas

por transporte hídrico formando um paleocanal. Os depósitos de fundo que a preenchem são constituídos por materiais grosseiros e angulosos num pacote de sedimento areno-silto-argiloso.

Esta área situa-se em termos morfoestruturais na Orla Mesocenozóica Ocidental de Portugal Continental, encerrando uma grande variedade de recursos geológicos, facto que está directamente relacionado com as estruturas restantes das forças tectónicas que afectaram a região ao longo do tempo. A sua localização numa área de transição confere-lhe características particulares em termos litológicos estando representadas formações variadas: a nascente o arenito ou grés, rochas essencialmente detríticas, datáveis do Triásico; para poente os calcários, que, com a sua forte permeabilidade, dão lugar a uma gama variada de formas cársticas, superficiais e de profundidade.

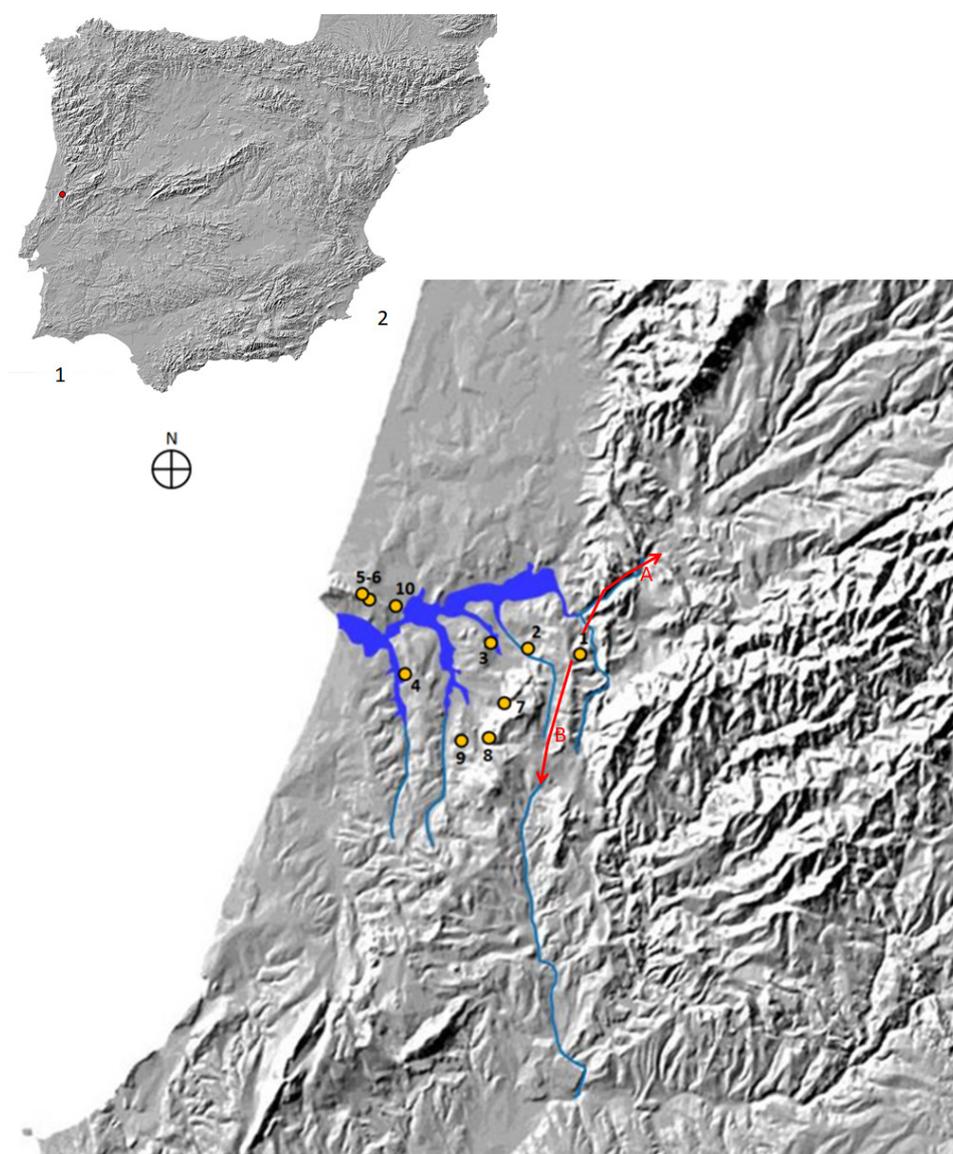


Figura 1. (1) Localização da Senhora da Alegria na Península Ibérica; (2) Contextos atribuíveis ao Mesolítico Final e Neolítico Antigo na bacia do Baixo Mondego: 1. Senhora da Alegria; 2. Eira Pedrinha; 3. Vaso de Casével; 4. Forno da Cal; 5-6. Várzea do Lírio/Junqueira; 7. Buraca Grande; 8. Cova do Ladrão; 9. Pelónia; 10. Prazo. Linhas de penetração interiores a partir da localização da Senhora da Alegria: A – Beira Alta, B – Bacia do médio Tejo.

Contudo, a geomorfologia da paisagem envolvente é sobretudo condicionada pelo Rio Mondego e parte final da respectiva bacia e rede de drenagem. É nas imediações do sítio (na zona da Portela com a confluência com o rio Ceira) que o Mondego deixa para trás o planalto beirão, o Maciço antigo e os percursos sinuosos e passa a um rio de planície. Entre 8000-6000 AC ter-se-á iniciado a formação de uma ria flandriana no Baixo Mondego, a qual terá atingido a sua extensão máxima por volta de 3000 AC (Dias, 1987) e chegado às imediações da actual cidade de Coimbra, a escassos 11 km do sítio da Senhora da Alegria. Localizado numa área relativamente interior, a cerca de 41 km da costa, o sítio encontrava-se de facto mais próximo do litoral através da penetração deste “braço de mar” que foi a ria flandrina do Mondego (figura 1: 2).

13.3 A ocupação do neolítico antigo da Senhora da Alegria

A ocupação do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria situa-se na parte O da área intervencionada, desenvolvendo-se ao longo do topo dos enchimentos de um paleocanal com uma orientação sensivelmente N-S.

A área preservada é relativamente extensa, atingindo cerca de 1600 m². Seria, contudo, maior, estendendo-se para N, para uma cota mais alta. Essa área mais elevada sofreu um processo erosivo, responsável por formar um depósito coluvionar que cobriu e selou a área preservada, apresentando o coluvião o mesmo tipo de materiais arqueológicos. Foi no topo deste coluvião que se implantaram as ocupações posteriores do Neolítico Médio, verificando-se, assim, uma situação de abandono do sítio no final da primeira fase de ocupação.

Foram registadas várias estruturas na zona preservada, tais como estruturas de combustão, cinzeiros, empedrados, buracos de poste e um segmento de pequeno fosso. Acresce a presença de blocos pétreos de média dimensão com covinhas alinhados na faixa central da ocupação, podendo corresponder a pequenos ortostatos.

13.3.1 Breve descrição de estruturas tipo da ocupação do neolítico antigo

- Estrutura 312 (figura 2) - Estrutura de planta de tendência circular, composta por pequenas pedras de grés e arenito, integrando dois buracos de poste estruturados com calços.
- Estrutura 309 (figura 2) – Corresponde a uma estrutura de combustão constituída por uma fossa de plano oval, preenchida por elementos pétreos de arenito, grés e quartzito. Possuía 1,15 m de comprimento, 1 m de largura e 0,40 m de profundidade.
- Estrutura 314 - núcleo de fragmentos pétreos que envolviam um bloco pétreo com covinhas. Este bloco estava alinhado com outros na faixa central da ocupação neolítica.
- Estrutura 313 (figura 2) - Estrutura de combustão com um plano sub-circular com 1,99 m de comprimento, 1,80 m de largura e 0,10 m de espessura, composta por fragmentos de blocos de arenito e seixos de quartzito, dispostos horizontalmente sobre o seu eixo maior. Os fragmentos pétreos apresentam arestas irregulares com sinais de termoclastia e fracturações “in situ”. Destaca-se ainda a presença de um grande bloco de arenito com “covinhas” localizado na metade S da estrutura.
- Estrutura 315 (figura 2) - Apresentava plano sub-circular com 2 m de comprimento, 1,80 m de largura e 0,10 m de espessura. Era constituída por blocos de arenito e placas de grés sub-rectangulares, dispostas horizontalmente sobre a face plana de maiores dimensões, encontrando-se imbricadas umas nas outras. Estas formavam uma superfície plana e regular, existindo nas zonas limítrofes da estrutura uma aparente destruição provocada pela limpeza da mesma. A maioria dos blocos que a constituíam apresentava sinais evidentes de termo-

clastia com zonas de contacto com o fogo. As placas encontravam-se fracturadas “in situ”. A espessura das placas variava entre os 3 e 4,5 cm, sendo que a alteração térmica verificada resultaria da exposição ao fogo de baixo para cima.

- Estrutura 321 (figura 2) – Estrutura de combustão que apresentava plano circular com 1 m de comprimento, 1 m de largura e 0,10 m de espessura. Constituída por blocos de arenito e seixos de quartzito de pequena dimensão, registando a presença de vários termoclastos. Forneceu alguns carvões, que permitiram obter uma datação por radiocarbono.
- Estrutura 322 - Estrutura de combustão de plano irregular com 1,5 m de comprimento, 1,10 m de largura e 0,10 m de espessura. Era constituída por fragmentos de blocos de arenito, grés e quartzito.
- Estrutura 323 (figura 2) - Estrutura em fossa de plano sub-circular estando preenchida por um depósito de cinzas e pequenos carvões. Possuía 1 m de comprimento, 0,80 m de largura e 0,15 m de profundidade. Poderá corresponder a uma estrutura de combustão do tipo “cinzeiro”.
- Estrutura 326 – Estrutura em fossa de plano sub-circular estando preenchida por um depósito de cinzas e pequenos carvões. Poderá corresponder a uma estrutura de combustão do tipo “cinzeiro”.
- Estrutura 328 -Corresponde a um pequeno aglomerado de fragmentos de blocos pétreos apresentando plano ovalado, com 0,45 m de comprimento e 0,35 de largura.
- Estrutura 330 (figura 2) – Corresponde a uma fossa de plano irregular, com cerca de 30 cm de profundidade, com a faces laterais revestidas por pedras de médias e pequenas dimensões e preenchida por um depósito areno-argiloso.
- Fosso 25 (figura 2) – Troço com 7 m de comprimento, 0,55 m de largura e 0,35 m de profundidade, encontrando-se com uma orientação sensivelmente N-S. O plano é ligeiramente sinuoso com perfil em U e extremidades arredondadas. O único depósito de enchimento, [8057], caracterizava-se pela sua composição areno-silto-argilosa de coloração castanho-acinzentado. Foram recolhidos no seu interior alguns materiais líticos e cerâmicos.

13.4 Aspectos da cultura material da ocupação do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria

O conjunto artefactual registado na ocupação do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria (e também no coluvião que se sobrepõe à parte conservada daquela ocupação) é essencialmente composto por duas categorias artefactuais: fragmentos de recipientes cerâmicos e indústria lítica talhada, estando a pedra polida presente, mas com baixa representatividade.

13.4.1 A componente lítica talhada

A metodologia para análise da pedra lascada, proveniente dos estratos do Neolítico Antigo, ou níveis de coluvião, foi baseada nos critérios propostos por G.E.E.M., 1969; Tixier *et al.*, 1980; Zilhão, 1997, 2000; Carvalho, 1998, 2008 e Inizan *et al.*, 1999 e para as restantes categorias líticas por Diniz, 2007.

O conjunto de pedra lascada recuperado corresponde a um total de 2345 peças, sendo a principal categoria a utensilagem (35,48%), seguida dos produtos debitados (25,84% - lascas, lamelas e lâminas), fragmentos (17,44%) e material residual (10,23% - restos de talhe, esquirolas e micro-buril). Integram também o conjunto, núcleos (6,52%), material de preparação e reavivamento (peças com córtex e *tablettes*) (3,97%), peças esquiroladas, seixos testados, cristais de

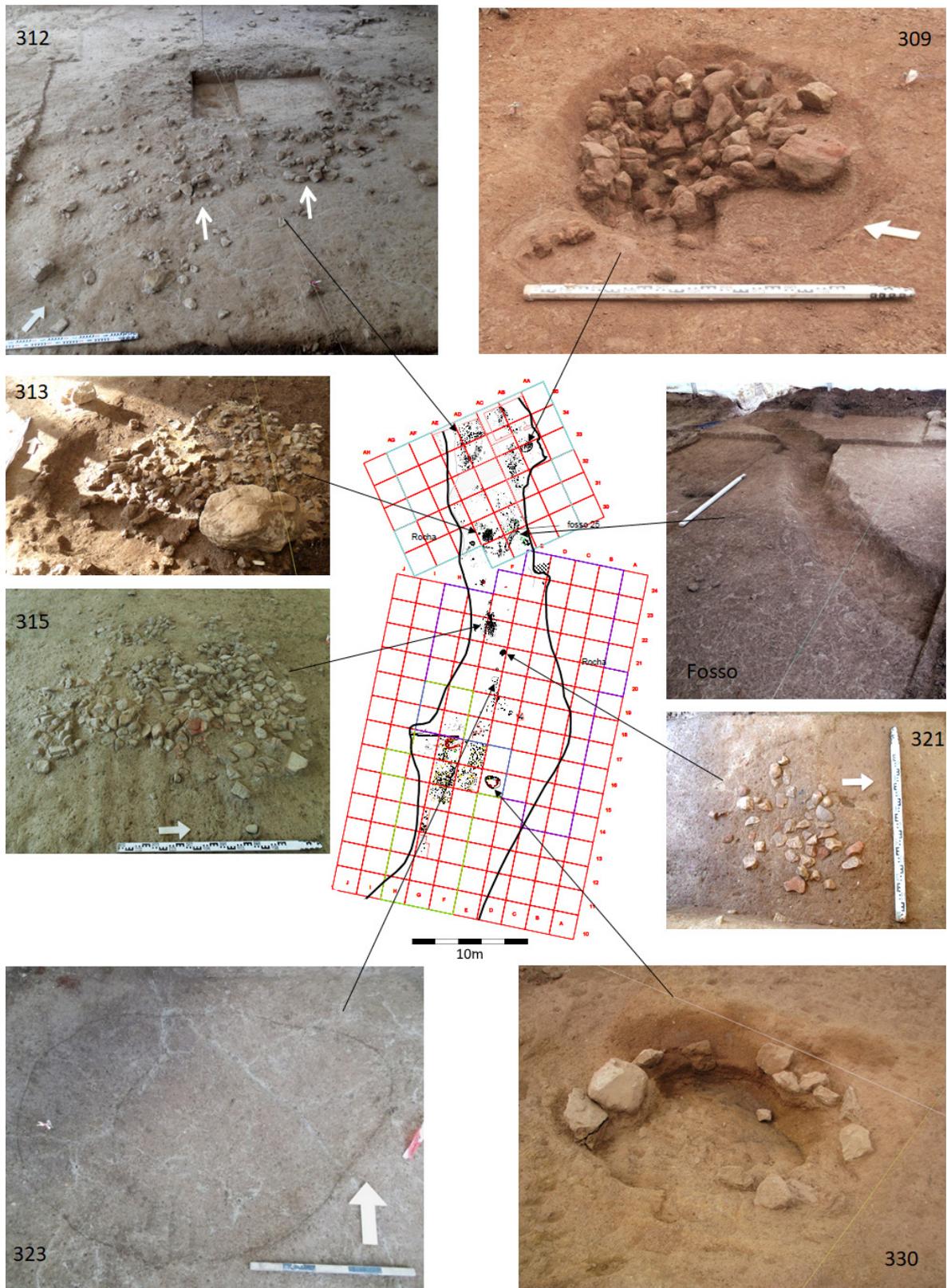


Figura 2. Excerto da planta da fase de ocupação do Neolítico Antigo e algumas das estruturas identificadas.

quartzo hialino, um utensílio macrolítico (quartzito) e alguns fragmentos indeterminados (com presença ou não de talhe).

A principal matéria-prima é o sílex (68,44%), seguida do quartzo (17,14%), quartzito (7,59%), entre outras rochas. Através da presença de algumas categorias tecnológicas é inferida a prática de talhe na área intervencionada. Não obstante, a primeira fase de descorticagem das rochas, principalmente do sílex, poderá ter ocorrido junto às áreas de captação desta. Neste caso, sabe-se que o sílex ocorre na Serra do Sicó, e o quartzo e o quartzito encontram-se disponíveis nos terraços do Mondego (Pereiro *et. al.*, 2014).

Foram contabilizados um total de 89 núcleos inteiros, 24 flancos e alguns utensílios sobre núcleos (*i.e.*, raspadeiras). Os exemplares em sílex e outras rochas inclassificáveis apresentam-se sobretudo informes (44,07%) e globulares (20,30%), com uma multiplicidade de direcções dos levantamentos, nomeadamente, bidireccionais (47,46%), maioritariamente sem córtex (67,80%) e preparação da plataforma de talhe através da facetagem (47,46%). As dimensões médias são: 21,76 mm comp. X 25,92 mm larg. X 21,25 mm esp. Os outros exemplares (quartzo, quartzito, quartzo hialino e grauvaque) (N=42), apresentam morfologias, essencialmente, informes (43,33%), extracções bidireccionais (43,33%) e plataformas de debitage facetadas (40%). As dimensões médias são superiores aos exemplares em sílex (36,07 mm comp. X 40,24 mm larg. X 29,78 mm esp.). De uma forma global, observou-se uma tendência para a presença de nódulos de matérias-primas de pequena dimensão, alguns dos quais debitados até à exaustão.

O conjunto dos produtos debitados (excluindo as peças que apresentam traços de utilização) é constituído por lascas (64,36%), lamelas (28,55%) e lâminas (7,10%). Destacam-se as lascas em bruto (N=390), com dimensões médias de 23,54 mm comp. X 20,88 mm larg. X 5,85 mm esp. Para as lamelas verificaram-se dimensões médias de 21,70 mm comp. X 8,89 mm larg. X 4,05 mm esp. e presença de tratamento térmico em 29,55% dos exemplares. As dimensões médias do pequeno conjunto de lâminas são 13,85 mm de largura e 3,49 mm de espessura.

Na utensilagem, a matéria-prima predominante é o sílex (85,85%), seguido do quartzo (6,71%) e o quartzo hialino (2,64%) e predominam os utensílios *a posteriori* (peças com traços de utilização). Para além destas, destacam-se as lascas retocadas (10,46%), as lamelas retocadas (8,05%) e as lâminas retocadas (5,53%). Os utensílios diversos (retoques sobre fragmentos não classificáveis) constituem 13,58%, do total. Verificou-se, com efeito, uma grande diversidade tipológica: entalhes, furadores, compósitos, raspadores, denticulados, raspadeiras, truncaturas, lâminas e lamelas de bordo abatido e utensílios sobre núcleos. O grupo de micrólitos geométricos representa apenas 3% do total de utensilagem (onde se incluem utensílios *a posteriori*) e é constituído por segmentos (N=20), triângulos (N=2), trapézio (N=1) e dois elementos com formas geométricas transitórias.

Relativamente às técnicas de talhe utilizadas para a extracção de lamelas (Binder, 1987; Binder *et al.* 2012; Inizan, 1991; Pelegrin, 1984; Tixier, 1984), refira-se a presença de elementos sugestivos do uso de pressão (perfis distais curvos - 51,47%; bordos paralelos -46,2%, ondas de percussão invisíveis - 76,9%) e de percussão indirecta (talões facetados -41,6%; bolbos difusos - 44,2%). A facetagem das plataformas encontra-se também patente nos núcleos em sílex.

A produção de elementos em pedra lascada direcciona-se principalmente para a extracção de lascas e sua utilização em bruto, ainda que também se tenha denotado a expressão da utensilagem formal sobre lascas, tais como a aplicação de retoques laterais. Os últimos produtos extraídos dos núcleos, tanto em sílex, como em outras rochas, suportam igualmente esta afirmação.

A produção lamelar sugere, da mesma forma, um aproveitamento principal destes elementos em bruto, patente, nos elementos com evidências de traços de utilização, ainda que tenham servido de suporte para fabrico de utensilagem, tal como os micrólitos geométricos.

O sílex é a matéria-prima preferencial para a extracção de produtos alongados, constituindo esta uma das estratégias direccionadas à selecção da matéria-prima, tendo em conta a sua aptidão para o talhe destes elementos (figura 3).

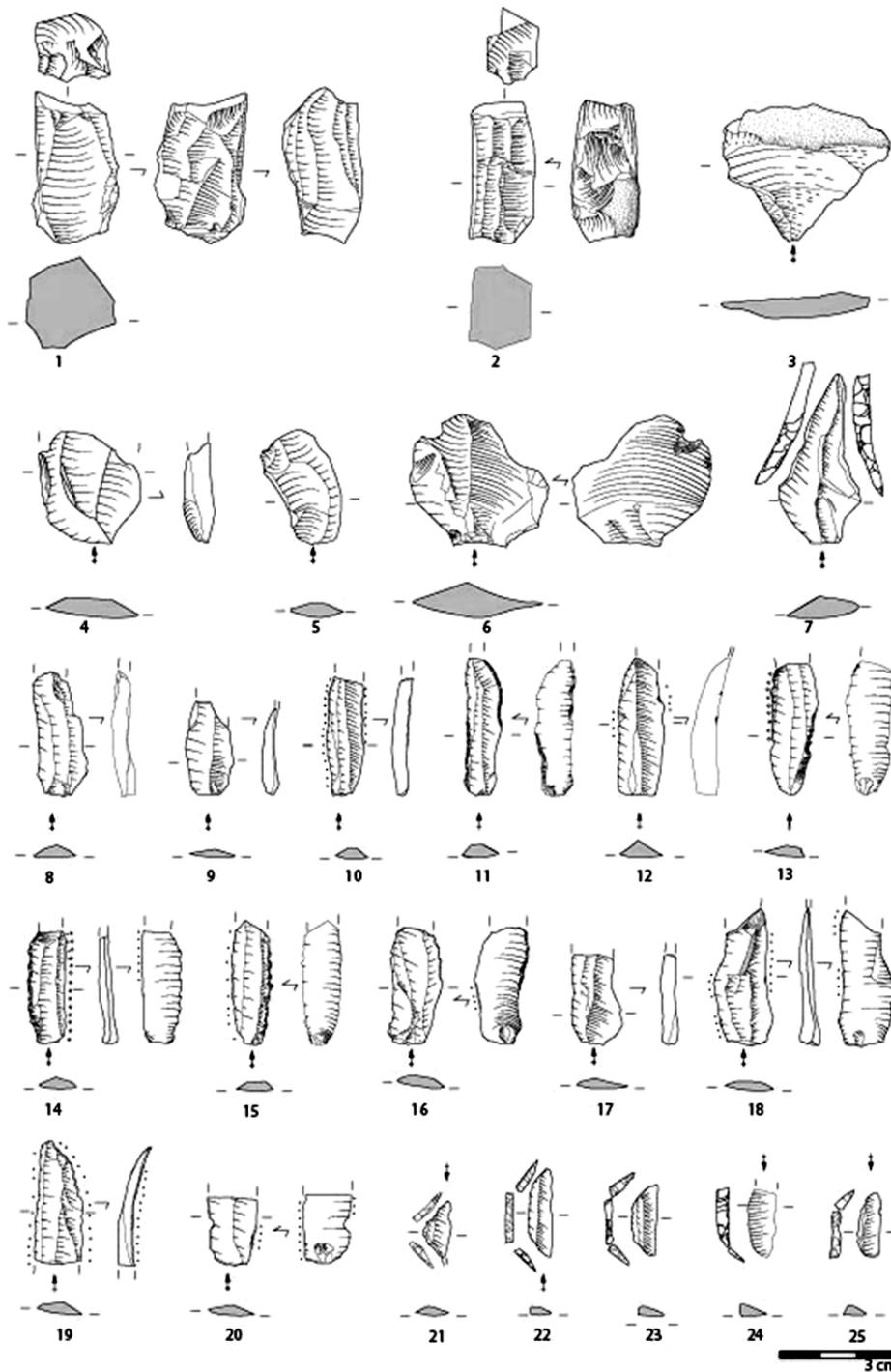


Figura 3 – Amostra da componente de pedra talhada da Senhora da Alegria: 1-2: núcleos; 3-6: lascas; 7: furador; 8-15: lamelas; 16-20: lâminas; 21-25: micrólitos geométricos (21-triângulo; 22-trapézio; 23-25-segmentos).

Em suma, a indústria em pedra lascada apresenta um conjunto de características tipicamente do Neolítico Antigo, tais como elevadas percentagens de tratamento térmico, baixa frequência de micrólitos geométricos e apenas um micro-buril, presença de talhe por pressão e percussão indirecta, tal como se verifica em alguns sítios do Neolítico Antigo da Estremadura (Carvalho, 2008).

13.4.2 Outros conjuntos líticos

É parte do espólio lítico um conjunto de pedra afeiçoada composto por seixos afeiçoados, percutores, e alguns elementos com vestígios de levantamentos, ou de traços de utilização.

A pedra polida (N=19) engloba dois polidores e três enxós em anfíbolite e rocha indeterminada. Os fragmentos de enxós apresentavam secções ovaladas, gumes e corpos polidos, alguns dos quais evidenciando traços de utilização.

Os elementos de moagem (N=17) tratam-se de moventes e escassos dormentes sobretudo em granito.

Um total de 462 peças foi agrupado num conjunto de diversas categorias, onde se incluem seixos (fracturados ou inteiros), termoclastos, blocos de matéria-primas de granito, xisto e conglomerado, e um percutor.

13.4.3 A componente cerâmica

A cerâmica é relativamente abundante, mas apresenta um elevado índice de fracturação e lexivização, facto que dificulta a avaliação formal e de padrões decorativos e a caracterização das pastas, nomeadamente ao nível do tratamento de superfícies.

Ainda assim, é possível afirmar que as pastas apresentam normalmente uma cor castanho avermelhada, nalguns casos com sugestão de acabamentos almagrados, revelando predominantemente cozeduras de arrefecimento oxidante.

Relativamente às formas, a análise é prejudicada pelo elevado índice de fragmentação. Regista-se a presença significativa de recipientes de tendência esférica e globular, algumas tigelas e taças, assim como recipientes que apontam para corpos ovais ou parabolóides, vasos tipo garrafa e alguns grandes contentores. As formas fechadas são predominantes.

Os elementos de prensão são relativamente frequentes, nomeadamente as asas, sobretudo de rolo (32 exemplares, sendo que seis apresentam protuberâncias verticais e três estão associadas a mamilos simples ou duplos). As asas de fita são raras (apenas dois exemplares, um associado a mamilo). Para além destas ainda foram registados seis fragmentos de bojo com arranque de asa. Dezasseis dos recipientes com asa apresentam decoração. É interessante verificar que as asas de rolo com protuberância (aplicação de mamilo, por vezes decorado) estão essencialmente associadas a recipientes cardiais. De facto estas asas já eram conhecidas em contextos com cardinal no Baixo Mondego, no Forno da Cal e na Eira Pedrinha, estando aparentemente ausentes em contextos cardiais portugueses mais antigos. Surgem na Estremadura, em contextos já associados ao Neolítico Antigo mais tardio, na Furninha, S. Pedro de Canaferrim, Fonte Figueira, vaso de S. Julião, Gaio ou em estações da costa alentejana. Para além das asas existem recipientes com pegas (12, dos quais três recipientes são decorados). Como categoria híbrida, que tanto pode representar elementos de prensão como de decoração, considerámos os mamilos, pelo que não os incluímos na contabilidade de elementos de prensão nem de decoração. Foram registados dezassete casos.

Relativamente às decorações, elas aparecem num total de 135 fragmentos. Se considerarmos apenas os bordos individualizados lisos e decorados dos níveis conservados e coluvião, temos um

total de 97 fragmentos, dos quais 58 são decorados (60%). Se considerarmos separadamente os depósitos conservados e o depósito de coluvião, a percentagem de decorados sobe para 65% nos contextos preservados e fica pelos 44% no coluvião (figura 4).



Figura 4. Cerâmica impressa da Senhora da Alegria.

Nas técnicas decorativas, foram identificadas a impressão, a incisão, a conjugação impressão+incisão, a aplicação de cordões plásticos e a sua associação a impressões (tabla 1).

A preponderância da técnica de impressão é evidente, com quase 70% de ocorrências, enquanto a incisão e a aplicação de cordão plástico apresentam valores semelhantes pouco abaixo dos 15%. A conjugação de diversas técnicas no mesmo recipiente é pontual. Num único caso é observável a técnica de excisão associada a caneluras incisivas.

Quanto aos motivos e organizações decorativas, predominam as impressões em bandas feitas com matrizes/punções variados, destacando-se as impressões cardiais, as impressões a pente ou o boquique (figura 4). Os motivos incisivos são geralmente caneluras e, num caso, um motivo espinhado. Quanto aos cordões plásticos, ocorrem na horizontal ou formando “grinaldas”.

Técnica	Total	%
Impressão	90	66,8
Incisão	18	13,3
Imp + Inc	2	1,5
Inc + Excisão	1	0,7
Cordão plástico	20	14,8
Imp + Cordão plást.	1	0,7
Indeterminado	3	2,2
Total	135	100

Tabla 1. Técnicas decorativas das cerâmicas do Neolítico Antigo

Relativamente ao cardinal (figura 5), este foi referenciado em 23 fragmentos no conjunto dos níveis preservados e coluvião, surgindo essencialmente em bandas de impressões onduladas, num caso associadas a uma organização mais complexa de uma banda vertical de impressões laterais e noutro caso numa decoração barroca com impressão diagonal da concha. Nos casos em que surge em bordos, aparece frequentemente associado a asas de rolo.

No conjunto, o peso da cerâmica cardinal varia de acordo com o universo que queiramos considerar (tabla 2). Assim, as percentagens variam entre os 13% e os 22% nos vários universos considerados para o conjunto de contextos preservados e coluvião. Estes valores aumentam quando consideramos apenas o coluvião, variando entre 16% e 36%, e baixam quando avaliamos apenas os contextos preservados (entre 8% e 15%).

Universos	NP + Coluvião			NP			Coluvião		
	Total	Cardial	%	Total	Cardial	%	Total	Cardial	%
Total de decorados	135	23	17	112	17	15,2	23	6	26,1
Bordos decorados	58	13	22,4	47	6	12,8	11	4	36,4
Total de bordos	97	13	13,4	72	6	8,3	25	4	16
Total dec. + bordos lisos	174	23	13,2	137	17	12,4	37	6	16,2

Tabla 2. Percentagens de cerâmicas com decoração cardinal (NP – Níveis preservados).



Figura 5. Cerâmica com decoração cardial da Senhora da Alegria.

13.5 A cronologia absoluta

A datação absoluta por radiocarbono dos contextos de Neolítico Antigo (assim como os relativos ao Neolítico Médio e Final) foi dificultada pela quase total ausência de material datável preservado. Assim, apenas foi possível datar uma amostra de carvão (*fojaceae – Quercus?*) recolhida na estrutura de combustão 321 (figura 2), a qual produziu o seguinte resultado: Beta-339602 - 6380±30BP, 5470-5310 cal AC a 2σ (Valera 2013).

Esta datação coloca a ocupação do Neolítico Antigo da Senhora da Alegria no terceiro quartel do 6º milénio AC, sendo contemporânea das datações dos contextos do início da neolitização da área do Maciço Calcário Estremenho e imediatamente posterior às datações do mesolítico final existentes para o centro litoral e alta Estremadura (tablas 3 y 4).

Período	Contexto	Amostra	Ref. Lab	Data BP	Correcção	Cal BP 2σ	Ref. Bib.	
Mesolítico Final	Forno da Telha	Concha	ICEN-416	7320	60	7020	200 6350-5500	Araújo, 1993
	Forno da Telha	Concha	ICEN-417	7360	90	7060	145 6250-5650	Araújo, 1993
	Forno da Telha	<i>Sus scrofa</i>	Wk-18358	6764	35		5720-5625	Carvalho, 2008
	Bocas	Concha	ICEN-899	7490	110	7110	115 6220-5750	Bicho, 1995/97
	Costa do Pereiro	<i>Cervus elaphus</i>	Wk-17026	7327	42		6340-6060	Carvalho, 2008
	Buraca Grande	Carvões	Sac-1461	6850	210		6250-5350	Aubry <i>et al.</i> , 1997
	Buraca Grande	Carvões	Gif-9940	7000	60		6000-5740	Aubry <i>et al.</i> , 1997
Neolítico inicial	Buraca Grande	Concha	Sac-1459	6940	140	6560	145 5750-5200	Zilhão 2000
	Senhora da Alegria	Carvão	Beta-339602	6380	30		5470-5310	Valera, 2013
	Caldeirão	<i>Ovis aries</i>	OxA-1035	6330	80		5480-5070	Zilhão, 1992
	Caldeirão	<i>Ovis aries</i>	OxA-1034	6230	80		5370-4980	Zilhão, 1992
	Caldeirão	<i>Homo</i>	OxA-1033	6130	90		5300-4840	Zilhão, 1992
	Almonda	<i>Cervus elaphus</i>	OxA-9287	6445	45		5480-5320	Zilhão, 1992
Almonda	Adorno de osso	OxA-9288	6445	45		5480-5320	Zilhão, 1992	

Tabla 3. Datações de radiocarbono para o Mesolítico Final e Neolítico Inicial do centro litoral e alta Estremadura.

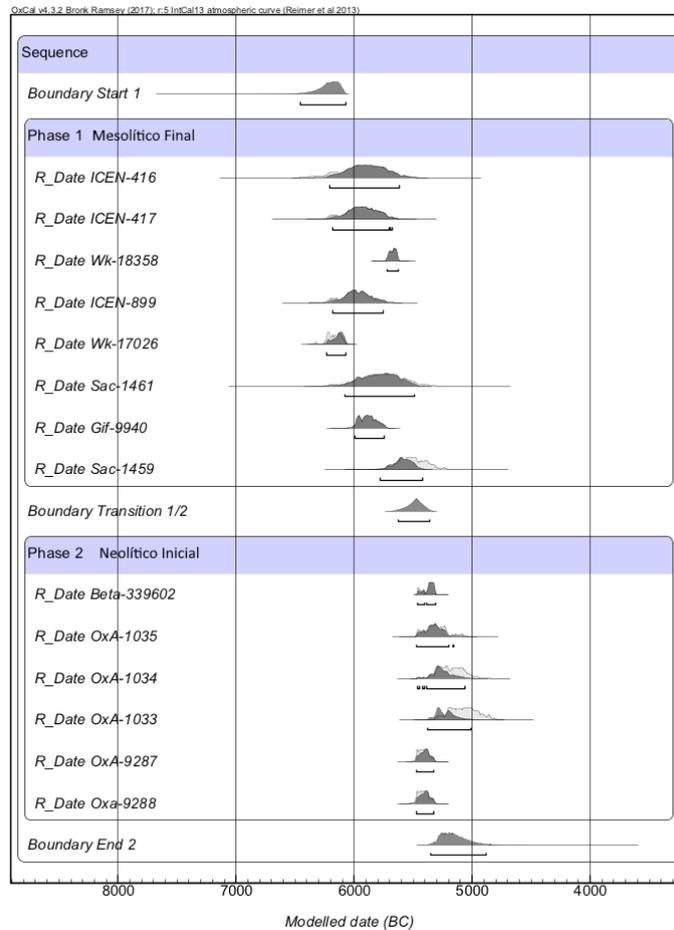


Tabla 4. Representação modelada das datações de radiocarbono para o Mesolítico Final e Neolítico Inicial do centro litoral e alta Estremadura.

13.6 A Senhora da Alegria no contexto da neolitização da bacia do Baixo Mondego.

Os primeiros trabalhos sobre o período na região foram desenvolvidos por Santos Rocha ainda nos finais do século XIX (Santos Rocha, 1949). Posteriormente, A. Mendes Correia e C. Teixeira desenvolvem escavações na Eira Pedrinha (Correia, Teixeira, 1949) e em meados do século XX George e Vera Leisner estudam a necrópole megalítica da Serra da Boa Viagem (Leisner, 1965). Pouco depois, os materiais de contextos neolíticos do Baixo Mondego são estudados por J. Guilaine e Veiga Ferreira (Guilaine, Ferreira, 1970), secundados por Susana O. Jorge (Jorge, 1979). A investigação sobre o Neolítico praticamente terminaria na zona com a escavação da Gruta dos Alqueves por Raquel Vilaça e J.P. Cunha Ribeiro (Vilaça, Ribeiro, 1987), pela primeira tentativa de síntese dos dados existentes realizada por Raquel Vilaça (Vilaça, 1988) e pela sondagem no Covão d'Almeida (Vilaça, 1990). Após a publicação destes estudos apenas alguns dados novos provenientes de grutas já nos limites S da bacia hidrográfica do Baixo Mondego, como a Buraca Grande (Aubry *et al.*, 1997) ou Cova do Ladrão (Neves, *et al.*, 2008), se vieram mais recentemente juntar aos anteriormente existentes.

Neste contexto, a ocupação Pré-Histórica da Senhora da Alegria apresenta-se hoje, na região, como um dos sítios mais relevantes para a compreensão da ocupação humana do Baixo Mondego durante as várias fases do Neolítico.

Na fase de ocupação que aqui tratamos, enquadrada no Neolítico Antigo, o sítio vem juntar-se a um conjunto de ocupações genericamente coevas e de natureza distinta que se conheciam da investigação anterior, como Várzea do Lírio/Junqueira, Forno da Cal e Eira Pedrinha (Santos Rocha, 1949; Jorge, 1979; Vilaça, 1988) a que se pode reunir o achado isolado do vaso de Casével (Vilaça, 1986), ou, já em terrenos a montante de vales interiores, as já referidas grutas da Buraca Grande ou Cova do Ladrão. A identificação da Senhora da Alegria contudo, e dada a sua natureza, introduz novos dados na percepção que poderemos ter relativamente ao papel que o estuário do Baixo Mondego terá desempenhado no processo de neolitização do centro de Portugal. Três aspectos são centrais na Senhora da Alegria para esta discussão: a sua localização, a sua cronologia e a natureza dos seus contextos.

No que respeita à cronologia, apresenta uma datação do terceiro quartel do 6º milénio, semelhante às disponíveis para as ocupações do Neolítico Antigo da Gruta do Caldeirão (Zilhão, 1992) e Gruta do Almonda (Zilhão y Carvalho, 1996), no Maciço Calcário Estremenho. Integra-se, assim, e de acordo com as cronologias disponíveis, no momento inicial da neolitização do centro litoral de Portugal, a partir de meados do 6º milénio, cronologia que se encontra em sequência com as datas disponíveis para o Mesolítico Final, tanto na vizinha Buraca Grande (Aubry *et al.*, 1997), como mais a S no Forno da Telha e Bocas (Araújo, 1993, Bicho, 1999, Carvalho, 2003), que se enquadram na transição para o 6º e primeira metade do 6º milénio AC.

Quanto à localização, o sítio situa-se já numa zona interior, a cerca de 41km em linha recta da costa e da foz do Mondego, nos vales interiores e já junto dos contrafortes ocidentais da Serra da Lousã. Esta localização, porém, não pode ser desligada da formação da ria flandriana do Baixo Mondego, a qual terá atingido progressivamente uma extensão precisamente de cerca de 40km, cujo limite máximo terá ficado próximo da actual cidade de Coimbra (Dias 1987), ficando a apenas 11km a NO da Senhora da Alegria (figura 1).

De facto, com a grande ria parecem estar relacionados os sítios abertos da Várzea do Lírio/Junqueira, a N, e do Forno da Cal, situado junto ao Rio Pranto, que se constitui como um braço para S da referida ria flandriana (o mesmo se poderá dizer do depósito do vaso de Casével, junto ao Rio Ega, um outro braço S da ria, que se desenvolve até relativamente próximo de Condeixa, onde se regista a ocupação (funerária?) em gruta da Eira Pedrinha. Esta gruta está localizada a cerca de 9km a Oeste da Senhora da Alegria e à qual se teria acesso através do vale da Ribeira de Bruscos, precisamente o traçado seguido pela estrada actual que liga Condeixa a Rio de Galinhas (a povoação ao lado do sítio arqueológico) (figura 1).

A Senhora da Alegria funciona, assim, como um sítio de interior relativamente àqueles que se articulam mais directamente com a ria do Baixo Mondego, mas com acessos relativamente expeditos a essa mesma ria e a alguns dos braços laterais que a prolongam para S. Mas esta mesma localização situa-se no início de um caminho interior, precisamente aquele que a auto-estrada que interferiu com o sítio percorre, e que através do curso superior do rio Corgo, faz a ligação ao Vale do Nabão e através deste ao Tejo na zona de Tomar / Torres Novas, onde se conhece outro importante foco de contextos do Neolítico Antigo com cronologias idênticas, sugerindo que a neolitização inicial desta área do médio Tejo também se poderia ter operado (em alternativa ou de forma complementar) de N para S, com uma origem na penetração proporcionada pela ria flandriana do Mondego.

Por outro lado, ao situar-se apenas a 7km a S da confluência dos Rios Ceira e Mondego, numa das principais portas de transposição dos maciços marginal e central, apresenta-se igualmente importante no que respeita à penetração e ligação com a bacia interior do Mondego.

Desta forma a Senhora da Alegria implanta-se num local nodal nas ligações e relações entre diferentes territórios regionais, concretamente nas ligações entre o estuário do Baixo Mondego, a Beira Alta e o Tejo na zona do Maciço Calcário Estremenho. Esta localização terá sido central na história do sítio e dos papéis que desempenhou ao longo das sucessivas ocupações que apresenta durante o Neolítico, ainda que com intermitências.

Relativamente à natureza do contexto, a implantação topográfica, a dimensão da área abrangida e o tipo de estruturas presentes apontam para um acampamento base. Ao longo dessa área identificaram-se inúmeras estruturas de combustão, cinzeiros e empedrados, alguns buracos de poste e um troço de um pequeno fosso. A indústria lítica é abundante e variada, indiciando uma multiplicidade de tarefas, entre as quais o talhe local e a produção de utensilagem retocada, utilizando matéria-prima com proveniência nas jazidas existentes na região. A cerâmica é igualmente abundante (apesar da forte acção erosiva que sofreu), estando presentes fragmentos de recipientes que indiciam dimensões apreciáveis. Contudo, os elementos de moagem e a pedra polida são raros e os restos orgânicos são praticamente inexistentes, situação comum em áreas arenosas tanto no Maciço Calcário Estremenho como na Costa Sudoeste.

Embora a maioria das estruturas identificadas sejam pouco complexas (estruturas de combustão, pequenos empedrados e cinzeiros), o seu número e a presença de uma estrutura tipo pequeno fosso, assim como vários buracos de poste (alguns aparentemente alinhados), associada a uma significativa quantidade e diversidade artefactual, apontam para um povoado com alguma estabilidade.

A raridade de pedra polida, quer de elementos dormentes de moagem, quer sobretudo de machados, enxós e afins, poderia ser em parte explicada pela sua reutilização em ocupações posteriores, pois são materiais que apresentam elevada capacidade de reciclagem. Porém, a presença do coluvião que recobriu e selou praticamente todo o solo de ocupação do Neolítico Antigo torna esta hipótese inviável, pelo que a reduzida expressão destes artefactos nesta fase deve ter fundamento real, requerendo explicação específica.

As implicações de tal raridade nas inferências relativas à base económica da comunidade que ali viveu não são, contudo, fáceis de estabelecer. É certo que nas etapas iniciais do Neolítico em Portugal, a pedra polida nunca é particularmente abundante, o que, a par da precaridade das estruturas, tem levado alguns autores a questionar o peso relativo das práticas agrícolas na economia de subsistência destas comunidades (Jorge, 1990; 1999). Por outro lado, as estratégias de adaptação e exploração de um território geram sempre diversidade na tipologia das ocupações, diversidade que tende a ser tanto maior quando mais essas estratégias impliquem significativa mobilidade, gerando sítios de maior ou menor especialização e onde a componente artefactual global de uma comunidade não tem que necessariamente estar toda representada, ou representada com peso equivalente, num mesmo sítio. Esta componente, na sua globalidade, expressar-se-á mais à escala do território que à escala do sítio (Carvalho, 2003).

O fraco conhecimento que se tem da natureza contextual dos sítios desta época mais próximos da ría flandriana impede porém que existam termos de comparação regional para a Senhora da Alegria, dificultando a reconstituição das estratégias de ocupação daquele território nesta fase inicial do Neolítico. O sítio poderia ser um povoado base, articulado com um conjunto de sítios logísticos e outros funerários (como eventualmente a vizinha Eira Pedrina), ficando por perceber (dada a insuficiência de dados) a forma como se articularia com os sítios localizados junto ao estuário, se é que chegaram a ser contemporâneos.

A forma como essa neolitização inicial se processa relativamente a uma prévia ocupação mesolítica não é menos difícil de abordar, na medida em que a efectiva ocupação do território durante o Mesolítico Final é mais presumida que realmente demonstrada.

As ocupações do Mesolítico Final na Buraca Grande (Aubry *et al.*, 1997) e a indústria lítica atribuível a este momento no sítio de Pelónia (Aubry *et al.*, 2008) levaram João Zilhão a conside-

rar o modo de exploração do estuário do Baixo Mondego semelhante aos dos estuários do Tejo e do Sado e que considera ser uma estratégia de escala europeia de reorganização das formas de ocupação do território, nomeadamente através do abandono de zonas interiores e concentração nos grandes estuários litorais (Zilhão, 2003). Neste modelo, contextos como os detectados na Buraca Grande ou Pelónia seriam sítios logísticos relacionados com a exploração marginal e sazonal dos territórios mais interiores das cabeças dos vales por parte de caçadores-recolectores mesolíticos que ocupavam o estuário do Baixo-Mondego, onde se presume estarem os acampamentos base. Desses acampamentos base, porém, nada se conhece e a presença no Mesolítico Final no estuário apenas é indiciada por algumas produções líticas no Prazo (Aubry *et al.*, 2008), pela descrição que Santos Rocha faz da presença de concheiros no Forno da Cal (Santos Rocha, 1949) ou pela presença de conchas marinhas em toda a sequência mesolítica da Buraca Grande (Aubry *et al.*, 1997), demonstrando a relação com a costa a 30 km e a exploração estuarina. Contudo, só por si a presença de concheiros no Forno da Cal não implica uma ocupação mesolítica. De facto, em situação ambiental aparentada foi identificado e intervencionado o concheiro de Meu Jardim (Valera y Santos, 2010) na Lagoa da Pederneira (Nazaré), a cerca de 60 km a S, e que foi datado da transição do 5º para o 4º milénio aC., pelo nada garante que os concheiros descritos não possam estar relacionados com a ocupação do Neolítico Antigo registada no sítio. Assim, um modelo de ocupação deste estuário semelhante ao observado no Tejo e Sado é, ainda, essencialmente presumido.

Neste sentido, a forma como o processo de neolitização se inicia e se desenvolve na região não é fácil de delinear. Não dispondo de datações para os sítios do Neolítico Antigo que se localizam junto ao estuário, temos que a datação obtida para a Senhora da Alegria se conta entre as mais antigas para o início do Neolítico no Centro de Portugal. Localizando-se o sítio já relativamente no interior, apresentando características de acampamento base e tendo uma percentagem de cardial que se encontra entre as mais altas para Portugal, a Senhora da Alegria parece sugerir que a neolitização inicial do Baixo Mondego se processa no início do terceiro quartel do 6º milénio AC numa ambiência cardial. O carácter imediato da sua cronologia relativamente às datações mais recentes do Mesolítico Final regional deixa pouco espaço à eventual existência de uma fase de neolitização prévia, associada a cerâmicas impressas, o que a ausência de estratigrafias que suportem tal hipótese reforça. Assim, a Senhora da Alegria parece indicar que a fase inicial de neolitização do baixo Mondego corresponderá a um Neolítico cardial.

A ocupação do Neolítico Antigo na Senhora da Alegria, contudo, não teve continuidade e o sítio foi abandonado e sujeito a um processo erosivo relativamente intenso. A sua reocupação no Neolítico Médio só ocorreria a partir da primeira metade do 4º milénio aC, situação que terá muito provavelmente a ver com a importância da localização do sítio nas estratégias de exploração do território e na sua situação nodal privilegiada nas ligações a diferentes áreas geográficas vizinhas.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, A.C. 1993. «A estação mesolítica do Forno da Telha (Rio Maior). En: *1º Congresso de Arqueologia Peninsular vol.I, Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 33:1-2, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, vol.1: 15-39.
- AUBRY, T.; FONTUGNE, M.; MOURA, H. 1997. «Les occupations de la grotte de Buraca Grande depuis le Paléolithique supérieur et les apports de la séquence Holocène a l'étude de la transition Mésolithique/Néolithique au Portugal». *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 94 (2), Paris, p. 182-190.

- AUBRY, T.; NEVES, M.J.; ALMEIDA, M.; MANGADO, J. 2008. «Modalidades de aprovisionamento em matérias-primas líticas no Baixo Mondego durante o Holocénico: dados novos e revisão de séries arqueológicas». En: Hernández M.; Soler J.; López J.(eds.) *Actas do IV Congresso del Neolítico Peninsular*, Tomo II, MARQ, Alicante, p. 258-265.
- BICHO, N.F. 1999. «A ocupação epipaleolítica do Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior». *O Arqueólogo Português*, Série IV, 13-15: 53-85.
- BINDER, D. 1987. *Le Néolithique ancien provençal. Typologie et technologie des outillages lithiques, Gallia Préhistoire*, Supplément 24, CNRS, Paris.
- BINDER, D.; COLLINA, C.; GUILBERT, R.; PERRIN, T.; GARCIA-PUCHOL, O. 2012. «Pressure-Knapping Blade Production in the North-Western Mediterranean Region During the Seventh Millennium cal B.C.». *The Emergence of Pressure Blade Making* (Desrosiers, P.M. Ed.), Springer US, Boston, MA: 199–217.
- CARVALHO, A.F. 1998. *Talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das Serras d’Aire e Candeeiros (Estremadura portuguesa): um primeiro modelo tecnológico e tipológico*, Edições Colibri, Lisboa.
- CARVALHO, A.F. 2003. «A emergência do Neolítico no actual território português: pressupostos teóricos, modelos interpretativos e a evidência empírica». *O Arqueólogo Português*, Série IV, 21: 65-150.
- CARVALHO, A.F. 2008. *A neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental*, Promontória Monográfica, 12, U. Algarve.
- CORREIA, A. M., TEIXEIRA, C. 1949. *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*, Lisboa, SGP.
- DIAS, J.M.A. 1987. *Dinâmica sedimentar e evolução recente da plataforma continental setentrional portuguesa*, Policopiado.
- DINIZ, M. 2007. *O Sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal*. (Trabalhos de Arqueologia; 48), Instituto Português de Arqueologia, Lisboa.
- G.E.E.M. [Groupe D’étude De L’epipaléolithique– Mésolithique] 1969. «Epipaléolithique– Mésolithique. Les microlithes géométriques». *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 66 :355-366.
- GUILAINE, J.; FERREIRA, O.V. 1970. «Le Néolithique ancien au Portugal». *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 67(1): 304-322.
- INIZAN, M.-L. 1991. «Le débitage par pression: des choix culturels. 25 ans d’études technologiques en Préhistoire». En: *XIe. Rencontres internationales d’Archéologie et d’Histoire d’Antibes. Juan-les-Pins*, Association pour la Promotion et la Diffusion des Connaissances Archéologiques: 367-377.
- INIZAN M.-L. ; REDURON-BALLINGER M.; ROCHE H.; TIXIER J. 1999. *Technology and Terminology of Knapped Stone*, (translated by Jehanne Féblot-Augustins, Nanterre), CREP («Préhistoire de la Pierre Taillée» 5), p. 189.
- JORGE, S.O. 1979. «Contributo para o estudo de materiais provenientes de estações neolíticas dos arredores da Figueira da Foz». En: *Actas da 1ª mesa redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, GEAP, Porto, p. 53-82.
- 1990. «A consolidação do sistema agro-pastoril». *Nova História de Portugal. Portugal, das origens à romanização*, (J.Serrão e A.H. Oliveira Marques dirs.),Ed. Presença, Lisboa: 102-162.
- 1999. *Domesticar a terra*, Gradiva, Lisboa.
- LEISNER, V. 1965. *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, Walter de Gruyter & CO, Berlin.
- NEVES, M.J.; AUBRY, T.; ALMEIDA, M.; BASÍLIO, L.; GABRIEL, S. 2008. «Cova do Ladrão: cronostratigrafia e enquadramento na ocupação holocénica do Baixo Mondego (Portugal) ».

- En: *IV Congreso del Neolítico Peninsular*, I, Museu Arqueológico de Alicante, Alicante, p. 290-297.
- PELEGRIN J. 1984. «Débitage par pression sur silex : nouvelles expérimentations». *Préhistoire de la Pierre Taillée*, 2, *Économie du Débitage Laminaire: Technologie et Expérimentation*, CREP, Paris, p. 117-128.
- PEREIRO, T.; RAMOS, R.; VALERA, A. 2014. *Relatório Final da Escavação Arqueológica. Concessão do Pinhal Interior-Lote2 (Avelar Norte-Condeixa), Sr.ª da Alegria (Coimbra)*. Omniknos, Porto.
- SANTOS ROCHA, A. 1949. *Memórias e explorações arqueológicas I. Antiguidades prehistóricas do concelho da Figueira da Foz*, Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis.
- TIXIER, J. 1984. *Le débitage par pression*, in *Préhistoire de la Pierre Taillée*, 2. *Économie du Débitage Laminaire*, Cercle de Recherches et d'études préhistoriques: 57-70.
- TIXIER, J.; INIZAN, M.-L.; ROCHE, H. 1980. *Préhistoire de la Pierre Taillée: économie du débitage laminaire*. Centre National de Recherche Scientifique, Paris.
- VILAÇA, R. 1986. «Casével». *Informação Arqueológica*, 7: 28-29.
- 1988. *Subsídios para o estudo da Pré-História Recente do Baixo Mondego*. Trabalhos de Arqueologia, 1, IPPC, Lisboa.
- 1990. «Sondagem arqueológica no Covão d'Almeida (Eira Pedrinha, Condeixa-a-Nova)». *Antrop. Port*, 8, p. 101-113.
- VILAÇA, R.; RIBEIRO, J.P.C. 1987. Escavações arqueológicas na gruta dos Alqueves (S. Martinho do Bispo, Coimbra), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Vol.27, Fasc.1-4, Porto.
- VALERA, A.C. 2013. «Cronologia dos recintos de fossos da Pré-História Recente em território português». *Arqueologia em Portugal 150 anos, Actas do I congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, AAP, Lisboa: 335-343.
- VALERA, A. C.; SANTOS, H. 2010. «O concheiro do Neolítico Antigo do “Meu Jardim” (Nazaré): informação preliminar». *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6, ERA Arqueologia, Lisboa: 21-28.
- ZILHÃO, J. 1992. *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*, Trabalhos de Arqueologia, 6, IPAAR, Lisboa.
- 1997. *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*, Colibri, Lisboa.
- 2000. «From the Mesolithic to the Neolithic in the Iberian Peninsula». *Europe's first FARMERS*, (PRICE, T.D. ED.) Cambridge University Press, Cambridge: 144-182.
- 2003. «Comentário, in: A emergência do Neolítico no actual território português: pressupostos teóricos, modelos interpretativos e a evidência empírica (A.F. Carvalho)». *O Arqueólogo Português*, Série IV, 21: 65-150.
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A.F. 1996. «O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho. Crono-estratigrafia e povoamento». *Rubricatum, Actes del I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica*, Vol.2: 659-671.